

Os primeiros contos das nossas vidas

AVENTURA

SUSPENSE

INTRIGA

AMOR

DILEMA

HUMOR

ANTOLOGIA

Organizada por Larissa Fernandes





Larissa Fernandes
Produtora Cultural

Quando mentes borbulantes de ideias se unem, o resultado é surpreendente. Assim foi com esta antologia. Ao planejar este e-book, não imaginava onde esses adolescentes e jovens iriam chegar. Voaram alto, deram vida à personagens, usaram estilo próprio e criatividade. Leia cada conto desta pequena antologia e entenda por si mesmo o que estou dizendo! Prepare-se para se aventurar nos primeiros contos escritos por eles, e que, pelo visto, não serão os últimos, pois em cada parágrafo, nota-se o talento e o desejo de escrever algo virtuoso e que marque aqueles que os lerão!



Meu nome é Davi Fontes Firmino, nasci em 2005, em Macaé, Rio de Janeiro, Brasil. Moro com meus pais e meu irmão mais novo. Gosto de mitologia, artes marciais, vôlei e natação.

Este é meu primeiro conto. Ver esse conto pronto foi uma experiência impactante pra mim.

O lobo arrogante

Em uma floresta na Virginia chamada Taiga rodeada de montanhas onde o sol era radiante e o rio refletia o céu, ali, a beira do rio havia uma alcateia feliz e próspera cuja o nome era Arkham, repleta de membros.

Entre todos esses lobos havia um que era diferente, seu nome era Scoot. Scoot era um lobo jovem de pelos castanhos escuros, forte e saudável, sempre se destacava nas caçadas ou em desafios de força, por ser o melhor beta da alcateia. Ele também era orgulhoso, sempre se gabava e humilhava os outros lobos por sempre perderem para ele. Por conta disso ele não tinha amigos, não conheceu seus pais, pois, estes tinham morrido e não sabia nada de sua história ou de onde ele viera.

Scoot sempre ficava sozinho. Enquanto a alcateia se ajuntava para o banquete da tarde, Scoot estava em uma colina, sentado olhando para o horizonte quando recebe uma visita inesperada.

-Procurando alguma coisa? Scoot olha para traz e vê uma loba de pelos brancos como a neve e olhos azuis como o céu e de uma beleza incomparável.

- Oi Sra. Kate, só estou matando o tempo. Kate Arkham era um dos poucos lobos que ousavam falar com Scoot, ela era acolhedora, confiável, fiel e sábia.

-Por que não se junta a nós lá embaixo?

- Bom, tenho vários motivos o primeiro é que eu não quero, o segundo é porque eu sei que se eu for lá embaixo ninguém ficaria feliz ao me ver ou falaria comigo então seria perda de tempo.

- E você já pensou sobre o porquê de eles não falarem ou não gostarem de você? É tempo perdido ficar aqui olhando para o nada.

Scoot ficou pensativo, de costas para Kate e não disse uma palavra. Kate também ficou quieta e desceu a colina pois o banquete já havia começado. Depois de tirar um belo cochilo na colina, Scoot desce para caminhar em meio a floresta. Ele andava tranquilamente entre as árvores aproveitando o vento refrescante da primavera e estando ainda longe da alcateia, percebe uma agitação na mata e chegou à conclusão de que estava sendo seguido, ele continua andando devagar cuidadosamente para ter noção da situação. Ele pensa:

- Beleza, estou sendo seguido mesmo. Vamos ver: dois a direita e dois a esquerda, será que eu me viro para ver quem é? Antes de concluir seu pensamento um vulto surge do lado de Scoot o imobilizando rapidamente.

- Ora, ora, Scoot, está andando sozinho pela floresta, por quê? Cadê seus amigos, ah esqueci, você não tem amigos. Reconhecendo a voz do seu imobilizador, Scoot responde: - Soren? Maldito, me atacando pelas costas! Nunca esperei algo desse tipo vindo de você, está com medo de me enfrentar como na última vez? Não gostando desse insulto Soren com suas garras faz um corte no rosto de seu oponente, Scoot com o rosto sangrando mas não demonstrando sentir dor, derruba Soren com um movimento rápido com as patas traseiras e consegue se levantar, Scoot fica de frente para Soren com dois de seus amigos do lado e dois atrás de Scoot prontos para atacá-lo. Vendo-se cercado pelos seus agressores, se prepara para uma investida, quando no grande silêncio da floresta eles ouvem um uivo forte e temeroso fazendo até as árvores sacudirem.

Os lobos olharam para cima como se alguma coisa fosse cair do céu.

-Continuaremos depois, disse Soren. Ele e seus colegas correram em direção a alcateia o mais rápido que puderam, enquanto Scoot foi apenas andando lentamente com desgosto o caminho de volta. Chegando ao local onde se encontrava a alcateia, Scoot avista toda a comunidade aglomerada, a noite tinha penetrado no lindo céu azul que agora era um céu salpicado de estrelas e a lua no auge de seu brilho, iluminava a noite como o sol de dia. Scoot estava debaixo de um pinheiro velho e gasto, pois não queria aparecer, por isso, permaneceu ali imóvel. Observou em frente a ele uma grande pedra achatada e em cima dela estava Kate preparando-se para falar, e disse: Boa noite a todos. Como sabem hoje é o dia do Conventus. Todos ficaram parados e atentos. Kate afastou-se para o lado e de repente sobe na rocha um lobo alto de pelos escuros como carvão e olhos vermelho escarlata, seu nome é Deucalion.

Deucalion Arkham é o alfa da alcateia, todos o respeitavam por sua inteligência, sempre dava conselhos sábios e fazia de tudo para o bem da alcateia. Antes de começar a falar Deucalion olha para sua alcateia de um lado para o outro, parecia que ele estava procurando alguém e de fato estava, ele avistou Scoot embaixo do pinheiro e ficou olhando fixamente até que disse: - Scoot venha aqui. Todos olharam para Scoot enquanto ele permaneceu parado por três minutos, mas Deucalion continuou a fitá-lo (imagine seu pai olhando para você depois de desobedecer a uma ordem direta dele, aquele olhar sério e frio que te assusta até de longe).

Foi assim que Scoot se sentiu, seu coração começou a bater rápido de um jeito que ele não compreendia, até que não aguentando mais, saiu debaixo da árvore andando lentamente em direção ao seu alfa com a cabeça baixa.

- Bom, agora que todos estão aqui podemos começar, disse Kate olhando com pena para Scoot.

- Concordo disse Deucalion que com uma postura digna de um líder falou:

- Minha alcateia, o Conventus é uma assembleia que acontece uma vez por mês para falar dos problemas e planos para o nosso futuro, então tragam suas ideias e seus conflitos para mim.

E assim foi até a lua atingir seu ponto mais alto no céu, mas quando o foi cada um para seu canto. Em seu local de descanso Deucalion está deitado querendo que o dia de amanhã não chegasse. Kate surge atrás de seu marido, passando sua cabeça na testa do seu amado, diz:

- Pare de pensar um pouco querido e durma.

- Não consigo, queria que essa noite fosse eterna.

- Então somos dois, você acha que Scoot fez aquilo com Soren?

- Não, aquele sangue no corpo dele não era sangue, era laranja sanguínea, um tipo de fruta que só se encontra na floresta de tundra.

- Tundra?! Impossível, eu não senti o cheiro e não tem como Soren ter ido até lá e voltado vivo ou a tempo de o Conventus acabar.

- Isso é porque ele não foi. E essa fruta não tem cheiro.

- Você acha que alguém da nossa alcateia foi buscar?

- Não, todos estavam aqui. Eu contei 30 tirando os amigos do Soren, e não tem como ter sido eles que foram pegar a fruta porque eu os vi hoje de manhã e a viagem até tundra demora dias. Alguém da própria tundra trouxe para cá.

- Não pode ser, e pra que incriminarem o Scoot?

- Por aquele mesmo incidente que aconteceu a vinte anos atrás.

Kate ficou de olhos arregalados e vários pensamentos começaram a ocorrer na cabeça dela.

- Temos que falar com Scoot, ele precisa saber.

- Ainda não, ele não está pronto e não se preocupe, eu tenho em plano.

Scoot estava à beira de um rio olhando fixamente para água pensando:

- Não fui eu, não fui eu, porque querem tanto que me julguem, deve ser o que Soren disse, meus erros no passado estão começando a me assombrar e devo pagar pelo que eu fiz. Enquanto Scoot pensava tristonho alguém surgiu atrás dele. Ele percebeu e logo deu um salto rápido e perguntou. – Quem está aí? Não tinha como ver nada, estava escuro demais para ver quem era. Scoot percebe que seja lá quem for, está se aproximando. Deucalion surge do breu e fala: Que bom ver que seus sentidos estão apurados.

Scoot se acalma, olha para Deucalion e diz: Sr. Deucalion a que devo a visita, a poena é daqui a algumas horas.

- Eu vim aqui para te dar uma ordem, fuja....

Imediatamente Scoot passa pela colina em direção a alcateia Arkham, o sol começa a nascer no céu mas Scoot se vira e não olha mais para trás. Já havia se passado cinco dias desde que Scoot tinha fugido de sua alcateia, Scoot não sabia para onde tinha que ir, mas sabia que o caminho seria difícil, ele passaria por muitos problemas. Depois de correr tanto, Scoot começa a sentir sede e fome. A última vez que ele tinha comido e bebido fora a dois dias ainda dentro do território Arkham, isso mostrava para ele como o território onde vivia era rico e próspero. O lugar onde ele estava era seco e tinha muita areia, muito parecido com um deserto. Ele precisava encontrar água e comida rápido pois seu corpo já estava no limite. Dando mais alguns passos, Scoot avista um coelho pardo, usando suas técnicas que aprendeu na sua alcateia ele tenta pegar o coelho, mas esse sendo mais ligeiro escapou das garras do caçador. Scoot caiu sobre a terra exausto sem força para levantar-se, apenas lembrou de sua casa e querendo voltar para ela, mas ali fechou os olhos e desmaiou.

Ouvindo o som de uma cachoeira, Scoot abre os olhos cansados, levanta a cabeça para ver onde está, percebe que está deitado em cima de figueiras, e estava em uma gruta pequena. Sem entender onde estava, o lobo tenta se levantar, mas a dor que ele sentia em seu corpo era extrema. A sua frente havia uma folha de coqueiro, e em cima dela uma fruta que Scoot não reconhecia, provavelmente era mamão.

Sem demora Scoot abocanhou a fruta e começou a comê-la, enquanto arregaçava a fruta, nosso lobo olha para o chão e vê uma sombra se aproximando atrás dele. Ele olha para cima com pedaços da fruta na boca, uma bela loba de pelos castanhos claros observava Scoot comendo aquela fruta.

- Finalmente você acordou, parece que você está saboreando esse mamão, disse ela com um sorriso no rosto. Scoot com vergonha limpa os restos da fruta em sua pata direita e diz: - sim, ela é boa. Tendo um relance do que

aconteceu no dia anterior pergunta: Espera, Como eu cheguei aqui? Quem é você? Que lugar é esse?

Calmamente a loba fala como se estive gostando das reações de seu convidado.

- Esse lugar é o Paradisus. É onde nós lobos da alcateia Lacus vivemos. Eu me chamo Mira Stagnum e eu te encontrei na nossa fronteira desmaiado e trouxe você para cá.

- Ah, obrigado. Eu me chamo Scoot e sou da alcateia Arkham...ou era, já não sei.

- Como assim? Bem não importa agora, nossa alfa está esperando por você. Por isso eu vim aqui.

Tendo força para se levantar Scoot segue sua nova conhecida. Saindo da gruta, Scoot se depara com uma visão maravilhosa de uma cachoeira que se estendia pelo vale, ali havia várias grutas como a que ele estava e vários lobos andavam para lá e pra cá fazendo suas tarefas diárias. Todos voltam sua atenção para ele que passava com Mira ao lado. Scoot até viu duas lobas rindo deles e outros cochichavam.

- Esse lugar faz jus ao seu nome. Além disso onde é que vamos encontrar essa alfa?

- Ela está logo ali, não se preocupe estamos chegando.

O lugar onde a alfa se encontrava era a maior gruta que Scoot já tinha visto naquele dia.

- Vamos entrar, ela está nos aguardando.

Dentro daquela gruta Scoot vê um pequeno lago verde transparente que dava vida ao local. Ali havia lobos mais velhos, provavelmente eram conselheiros, e alguns lobos do lado de fora espiavam com curiosidade o novo visitante. Entre dois pilares de pedra havia uma loba sentada no meio deles. Com certeza era a alfa.

- Bem-vindo ao Paradisus, visitante. Eu me chamo Claudia Stagnum a alfa da alcateia Lacus, e quero saber quem é você e o que te fez vir aqui.

- Eu me chamo Scoot, eu era de uma alcateia chamada Arkham e eu fugi dela porque fui incriminado injustamente.

- Interessante, por favor conte-me mais Scoot.

Scoot contou toda sua história, o acontecimento com Soren, até que chega à parte que Deucalion seu alfa vai falar com ele naquela noite (e eu sei, caro leitor, que você quer saber o que ele falou para Scoot.)

- Scoot você precisa fugir...

- Por quê? Do que você está falando?

- Eu sei que você não atacou o Soren, sei que aquele sangue no corpo dele não era sangue, era uma fruta chamada laranja sanguínea, seu líquido tem uma aparência igual ao sangue, Soren pode ter enganado todo mundo, mas a mim não pode enganar.

- Então, se você sabe, por que aceitou a minha poena?
- Porque se eu recusasse, a alcateia se voltaria contra mim, sua poena seria exílio, mas sem mim no comando eles te matariam com base nos argumentos de Soren.

- Então, o que eu faço, para onde vou?

- Fuja o mais rápido que puder, e se você quer provar sua inocência vá até a floresta Tundra, lá você talvez encontre respostas. Mas tome cuidado, os lobos que você verá lá não são como nós, eles são selvagens, agora vá, rápido.

Scoot termina de falar com a cabeça baixa, a tristeza havia tomado seu coração. Se não pudesse provar sua inocência nunca voltaria para casa. Os lobos ao redor de Scoot ficam quietos, mas comovidos pela história e de imediato olham para sua líder esperando que ela falasse alguma coisa. Claudia Stagnum apenas fica quieta pensante, Mira tinha ido ficar

ao lado dela. Enquanto Scoot contava sua história, ela quase chorava. Quebrando o silencio Scoot diz:

- É por isso que eu devo partir imediatamente, não posso ficar muito tempo aqui.

- Entendemos sua necessidade, sinto muito pelo que aconteceu, mas você sabe o caminho até a floresta Tundra e os perigos que há nela?

- Só sei que existem lobos selvagens lá dentro.

- Não são só lobos selvagens, é a alcateia Ferox e o seu alfa Ranga Ferox não tem compaixão com ninguém que invada seu território. Eu diria que é uma missão suicida.

- Eu sei que é difícil e perigoso, mas se eu não tentar nunca vou saber a verdade, e eu não me importo, não tenho ninguém me esperando quando eu voltar. Então não fará muita diferença.

- Você não ouviu o que eu acabei de dizer né, Scoot?

- Hum?

- Seu alfa se importa tanto com você, que mandou você fugir e provar a inocência para não ser punido.

Scoot olha para o chão pensativo, com um novo olhar para seu alfa, "Deucalion se importa comigo". Scoot não acreditava mais. Nesse momento a ficha começou a cair. Ele se lembrou de que em cada momento ruim Deucalion e Kate sempre estavam com ele. Com um sorriso no rosto Scoot fala.

- Tenho que ir.

- Fique aqui até recuperar sua força e poder partir.

Scoot permanece na alcateia Lacus por mais um dia e no dia seguinte se preparava para partir.

- Scoot! Disse uma voz que vinha atrás dele.

- Mira? O que foi?

- Eu decidi que vou com você.

- Não pode estar falando sério?!

- Na verdade estou sim. Que foi, acha que não consigo?

- Não, não, é que essa jornada é perigosa...

- Eu sei.

- Você pode acabar morrendo...
 - Eu sei disso também.
 - Sua mãe não permitiria.
 - Na verdade ela permitiu, falei com ela na noite passada. É melhor a gente ir antes que ela mude de ideia.
- Scoot não queria alguém atrasando-o, mas ficou feliz por ter uma companhia.

Scoot achava que Mira o atrasaria porque ele andava rápido demais, mas foi o contrário, o pobre lobo tentava acompanhar os passos da amiga, mas era impossível, Scoot começou a achar que suas pernas não estavam melhores e começou a ficar indignando. Mira percebendo disse para provocá-lo:

- Vamos Scoot, temos que apressar o passo, quanto mais rápido a gente andar mais cedo a gente chega em Tundra.
- Apressar mais o passo, você ainda consegue fazer isso?

Mira dá uma boa risada e Scoot vendo que era brincadeira, riu também. Havia se passado quatro dias desde que tinham saído do território Lacus, Scoot e Mira passando por muitos desafios começaram a ficar mais próximos.

Finalmente na entrada da floresta os dois amigos se entreolham e Scoot fala.

- O verdadeiro desafio começa agora.

- Sim vamos nessa.

- Vamos.

A floresta tundra não era uma das florestas mais agradáveis que existia. Ela tinha árvores altas e suas folhas se encontravam umas com as outras limitando a luz no solo, isso fazia que a floresta fosse escura. Demorou cerca de dez minutos para os olhos de Scoot e Mira se acostumarem com a escuridão.

Sem sair um de perto do outro, Mira pergunta para Scoot.

- O que exatamente estamos procurando?

Scoot para pôr um momento e diz:

- Não tinha pensado nisso.

Os dois já tinham adentrado bastante pela floresta escura e sem vida.

- Não há sinal algum de cervos, coelhos, pássaros ou até formigas.

- Como uma fruta pode ter crescido aqui, não tem praticamente nada.

Enquanto falava Scoot olha para trás, apesar de não ver nada, tem uma sensação de que estão sendo observados.

Eles não tinham noção de quanto tempo estavam na floresta, parecia uma eternidade. Cansados de andar, os dois se sentam para descansar, mas no momento que sentam dois lobos surgem da escuridão.

O primeiro tenta atacar Scoot que se livra dele rapidamente com um chute com a pata traseira, o segundo tenta pegar Mira, mas sendo rápido, Scoot também consegue pegá-lo pelo pescoço, o arremessando em uma árvore.

- Obrigada. De onde eles sugeriram? eu não ouvi nada. Declarou Mira.

Da mata escura mais lobos surgem, Scoot e Mira são cercados.

- Agora estamos ferrados, disse Scoot com cara de preocupação.

Os lobos que os cercavam tinham uma aparência assombrosa, seus pelos eram escuros, seus dentes pareciam dentes de leão, suas garras eram mais afiadas do que ferrões de abelhas, um deles disse.

- Ele derrubou dois dos nossos, ele parece interessante, vamos comê-lo.

- Não. Disse o outro que estava à esquerda. – O chefe vai querer esse aí, quanto a loba bonitinha ali podem levar também.

Os lobos tentam se aproximar de Scoot e Mira, mas esses resistem plenamente por um tempo.

Já cansada, Mira cai sobre a terra exausta, Scoot preocupado, fica entre ela e os inimigos com intenção de protegê-la, mas ele também já estava no limite.

- Não resistam! Vocês só têm uma opção: se render. Vocês não vão durar muito. Scoot tinha escutado a voz, mas não sabia de onde vinha, não era nenhum dos lobos que estavam cercando-os. Olhando de um lado para o outro novamente, Scoot vê o que parecia ser uma sombra do lado de uma árvore grossa, mas estava afastada dos lobos.

- Quem é você?

- Que pena. Então você não se importa com o que vai acontecer com ela, né Scoot?

Ao ouvir isso Scoot fica perplexo. Como aquele sujeito sabia o nome dele? Quem era ele? Essa eram as perguntas que Scoot estava fazendo em sua cabeça. Mas ele já estava ficando sem opções, pois sua força se esgotou. No mesmo instante, dois lobos foram bater de frente com Scoot, mas levaram a melhor, o imobilizando.

O lobo que estava entre as árvores se aproximou devagar com todo o tempo do mundo. Com medo Scoot pergunta: – Quem é você? O lobo olha pra Scoot com um semblante sério e responde:

- Eu sou Ranga Ferox.

Depois de dizer essas palavras, Ranga soca Scoot com sua pata esquerda tão forte que o jovem coitado é nocauteado.

Em seu sonho Scoot se via em um tronco de árvore enorme sendo usado como ponte para um rio, ali Scoot estava com medo, parado no meio da ponte.

- Não se preocupe filho, mamãe e papai estão aqui, é só vir em nossa direção, sem medo. De repente a imagem ficou escura e sumiu.

- Scoot, Scoot, acorda!

Abrindo os olhos Scoot se vê amarrado em um cipó bem grosso, olha para o lado e vê Mira também amarrada.

- O que aconteceu?

- Fomos pegos pelos Ferox.

- Ah, que droga, o que eles querem com a gente. Scoot começou a se debater para arrancar o cipó.

- Não adianta Scoot. Não se arranca um cipó silvestre assim, precisa de muita força.

Scoot olha para frente e vê Ranga olhando para ele com um sorriso.

- Como você sabe o meu nome?

- Hum. Então você não se lembra mesmo.

- Não me lembro do que?

- Bom, daqui a pouco venho falar com você. Agora quem é essa? É a sua prometida, é?

Ranga passou a pata entre os queixos de Mira, mas ela apenas virou a cabeça com sinal de desgosto.

- Deixe-a em paz.

- Ah, Scoot eu poderia matar você tão facilmente agora.

- Então porque você não me solta e a gente descobre isso.

- Ui, é tentador, mas vou deixar essa passar. Aliás, por que você veio até o meu território? Não acredito que seja para uma visita.

Scoot olha para o lado com raiva.

- Talvez seja por isso?

Ranga faz um sinal e um de seus lobos entra com um tipo de tigela de madeira.

Ranga pega alguma coisa dentro da tigela, era uma fruta, a laranja sanguínea.

- Sabe, foi essa fruta que Soren usou para se fingir de machucado para acusar você.

- Por que vocês queriam me acusar?

Scoot fala aquilo tão alto que os corvos que estavam nas árvores fogem do local.

- Porque eu queria você fora do meu caminho, sem você, meu irmão Deucalion não teria um herdeiro e eu dominaria toda Taiga.

Ranga tinha falado mais alto que Scoot que seria possível ouvir até da entrada da Trunda. Scoot dá apenas um sorriso e diz.

- Então foi você que armou para mim?

- É Scoot eu armei contra você, e o que você vai fazer?

- Scoot com toda a sua força arranca o cipó do seu corpo, o que assusta Ranga e com todo o seu folego Scoot dá um poderoso uivo.

- Que coisa ridícula que você está fazendo Scoot?

- Estou chamando reforços. Ao mesmo tempo Soren ouve uivos vindo em direção ao acampamento Ferox.

- Impossível.

Scoot corta os cipós de Mira, aproveita que Soren está distraído e

- Hum. Então você não se lembra mesmo.

- Não me lembro do que?

- Bom, daqui a pouco venho falar com você. Agora quem é essa? É a sua prometida, é?

Ranga passou a pata entre os queixos de Mira, mas ela apenas virou a cabeça com sinal de desgosto.

- Deixe-a em paz.

- Ah, Scoot eu poderia matar você tão facilmente agora.

- Então porque você não me solta e a gente descobre isso.

- Ui, é tentador, mas vou deixar essa passar. Aliás, por que você veio até o meu território? Não acredito que seja para uma visita.

Scoot olha para o lado com raiva.

- Talvez seja por isso?

Ranga faz um sinal e um de seus lobos entra com um tipo de tigela de madeira.

Ranga pega alguma coisa dentro da tigela, era uma fruta, a laranja sanguínea.

- Sabe, foi essa fruta que Soren usou para se fingir de machucado para acusar você.

- Por que vocês queriam me acusar?

Scoot fala aquilo tão alto que os corvos que estavam nas árvores fogem do local.

- Porque eu queria você fora do meu caminho, sem você, meu irmão Deucalion não teria um herdeiro e eu dominaria toda Taiga.

Ranga tinha falado mais alto que Scoot que seria possível ouvir até da entrada da Trunda. Scoot dá apenas um sorriso e diz.

- Então foi você que armou para mim?

- É Scoot eu armei contra você, e o que você vai fazer?

- Scoot com toda a sua força arranca o cipó do seu corpo, o que assusta Ranga e com todo o seu fôlego Scoot dá um poderoso uivo.

- Que coisa ridícula que você está fazendo Scoot?

- Estou chamando reforços. Ao mesmo tempo Soren ouve uivos vindo em direção ao acampamento Ferox.

- Impossível.

Scoot corta os cipós de Mira, aproveita que Soren está distraído e

o empurra, assim Scoot e Mira conseguem escapar.

- O que está acontecendo, Scoot? Pergunta, Mira, que parecia mais confusa do que Soren.

- Guerra. Disse Scoot enquanto corriam em direção aos sons dos uivos.

No meio do caminho a dupla se depara com Deucalion, Kate e Claudia. Scoot olha para Deucalion com um olhar de saudades e diz.

- Ele confessou! Era uma armadilha para nós dois. Mira ao ver sua mãe corre para abraçá-la.

Deucalion olha para frente e fala. – É hora de terminar essa bagunça. Assim as alcateias Arkham e Lacus partem para atacar o acampamento Ferox.

A guerra termina com a vitória das alcateias aliadas que destroçam seu inimigo um por um.

Scoot voltou para sua alcateia, e claro, com sua amada Mira como esposa. Essa jornada tinha ensinado algo importante para Scoot que ele guardaria pelo resto da vida. (não ser orgulho a ponto de colocar os que você ama em perigo.)



Meu nome é Gabriel Veiga Fernandes, tenho 15 anos, moro em Macaé no Rio de Janeiro e nasci em Campinas/SP. Gosto de vôlei e dormir. Meus pais são o Ivis e a Larissa e tenho um irmão caçula de 12 anos, o Daniel. Escrever este conto me custou vários dias mas, em minha opinião, o desafio de cada dia valeu a pena.

Um voo inesperado

Era cedo no aeroporto, o raiar do sol iluminava os extensos corredores. Havia enormes vidros pelo quais era possível ver os aviões indo e vindo juntamente com o deslumbrante alvorecer. Com os pés inquietos, Ed lutava consigo mesmo para não criar muita expectativa por ser sua primeira vez em uma viagem na primeira classe.

Ele estava sentado ao lado de seu amigo, Will. Ed era alto, tinha cabelos castanhos, sem barba e usava relógio de pulso, estava vestindo camiseta lisa e uma jeans escura. Por outro lado seu amigo estava mais bem vestido, usava uma camisa e calça sociais, tinha cabelo ligeiramente ruivo e atipicamente sua barba estava aparada. A direita de Ed havia uma senhora com os cabelos acinzentados e com a pele flácida. Usava um vestido estampado com rosas. Ela estava conversando pelo celular numa chamada de vídeo mas o que Ed mais estranhara foi vê-la segurando o celular no ouvido. Ed riu da situação e logo em

seguida ouviu o anúncio de que seu avião chegara. Ed se levantara no exato momento em que a ponte de embarque se abriu. Ed estava ansioso para chegar ao seu assento e relaxar no conforto da primeira classe e isso se podia ver pelo seu andar suave e a melodia saindo de seus lábios. Ele foi o primeiro a chegar em seu assento e poder usufruir da aconchegante e espaçosa poltrona. Ed realmente devia uma a Will por conseguir vagas na primeira classe. Ed já viajara de avião diversas vezes porém, jamais foi em uma primeira classe. Quando chegou em seu assento se surpreendeu pois jamais viu algo mais luxuoso em toda a sua vida. Havia uma Tv, frigobar, tablet e seu assento parecia mais uma cama. Quando guardou sua mochila, viu que seu amigo ficaria no assento da frente, Ed não entendeu as estranhas atitudes de Will. Porém não se apegou a esses comportamentos. Ao acomodar-se em seu assento, reparou que a idosa senhora em que reparara antes estava deslocada no avião.

Quando Ed ia se levantar para ajudar a senhora, Will prontamente pediu a ela para juntar-se a ele mostrando que o assento dela era ao lado do dele, a senhora agradeceu o cavalheirismo de sua parte e a idosa começou a contar histórias de sua vida de tal forma que até Ed se interessou porém, foi nesse momento que do alto falante ouviu o piloto avisando aos passageiros que iriam decolar. Ed pegou seu fone e ligou sua playlist, pretendendo dormir durante a viagem, ajeitou-se em seu assento e seus olhos pesados fecharam-se lentamente até profundamente adormecer. Com uma voz firme e alta, Ed foi acordado bruscamente,

era a voz do piloto. Ed ainda zonzo se esforçou para ouvir o anúncio:

- Passageiros - Disse o piloto - Tenho um breve anúncio a vocês. Bem, uma investigação está ocorrendo neste avião, por favor não se alarmem. Não é nada grave, apenas um detetive chegará a vocês e lhes revistará a bagagem, por favor, permaneçam em seus assentos. Ed, relaxado por saber que não tinha qualquer relação com essa investigação permaneceu calmo. Para passar o tempo, Ed foi pegar um livro em sua mochila, quando procurou seu livro notou coisas parecidas como tijolos obscuros, ao tatear esses itens peculiares percebeu se tratar de sacos duros e ao levá-los a luz de modo escondido, notou se tratar de drogas pois, seus amigos já ofereceram a ele abrindo aquele mesmo tipo de pacote, também porque já viu em várias séries. Agora ele sabia o nível de perigo em que estava. O desespero começou a crescer em seu interior, tornando-o pálido e suas pálpebras tremiam sob a pressão da circunstância, então subitamente seu desespero se transformou em ódio, sua raiva começava a borbulhar em suas veias. Por quê?! Ed pensou com fúria, onde já se viu tanta maldade? Sabotar alguém para arruinar uma vida?

- Acalme-se - disse ele a si mesmo - Preciso pensar com calma qual será meu próximo passo. Primeiramente, olhou pelos extensos corredores a procura do detetive, avistou um homem de casaco verde interagindo com pessoas no fundo do avião. Percebeu que era o detetive pois mesmo de longe foi possível ver seu distintivo reluzir. Apreensivo pensou em levar as drogas ao banheiro e

deixar no lixo porém, havia um guarda de vigia em frente ao banheiro impedindo Ed de levar as drogas junto consigo. Pensou também em entregar as drogas de boa vontade e ver no que dava mas, sabia que seria indiciado por tráfico de drogas de uma maneira ou outra e teria uma sentença de no mínimo 5 anos. Afrito por ter de fazer uma escolha que irá traçar seu destino, desesperadamente olhou de modo furtivo à mochila da senhora que se sentava em sua frente, esta mochila se localizava entre o assento de Will e da senhora. De modo imperceptível furtou a mochila, e de maneira ágil virou sua própria bolsa na mochila da senhora, despejando-as na bagagem de uma inocente. Após enchê-la devolveu a mochila excitado. Ed suspirou de forma relaxada e com um leve sorriso no rosto, conseguiu se livrar de um enorme peso sob suas costas de uma maneira rápida e fácil. Agora, tranquilo em relação a investigação, afundou-se em seu assento e esperou o detetive chegar até si.

15 minutos depois o detetive chegou cumprimentando-lhe:

- Bom dia, eu sou o detetive que está cuidando da investigação, meu nome é John, qual é o seu nome? - Bem... O prazer é meu, meu nome é Ed.

- O senhor me permite revistar sua bagagem? - Interrompeu John de forma brusca.

- Ah... Claro, com certeza. - Então de modo nada delicado pegou a bolsa dele de suas mãos e a inspecionou com um olhar atencioso, após uns 20 segundos devolveu ao passageiro e logo depois abriu o bagageiro acima de Ed, e nesse momento ele começou a ofegar com aflição, havia esquecido de sua mala no bagageiro! Tentou se acalmar para não levantar suspeitas pois, havia a chance de não ter nada em sua mala então se esforçou para parar de tremer e esperou o detetive cumprir sua tarefa. Quando o detetive abriu a mala de Ed que estava no bagageiro simplesmente sorriu e puxou da mala um pacote em formato de tijolo envolto por um saco preto.

- Você está preso por tráfico de drogas você tem o direito de permanecer calado, tudo o que disser poderá ser usado contra você num tribunal. - Enquanto dizia essa famosa frase, John pegava suas algemas. Nesse momento angustiante era necessário Ed pelo menos tentar explicar sua inocência, então ele clamou:

- Detetive, puseram essas drogas em minha bolsa! Por favor acredite em mim, estou sendo injustiçado! Eu não pus droga nenhuma em minha bolsa. - Em vão tentou se defender, Ed sabia que era muito difícil de alguém acreditar nessa história, porém era a verdade. John apenas pediu para que levanta-se para algemá-lo ou teria de fazer do modo difícil, se sentindo injustiçado assentiu

ao detetive. Will e a senhora vislumbraram a cena com horror estampado em suas faces. Ed, com vergonha de sua condição pensou em se redimir dizendo que havia inserido drogas na bolsa da senhora porque ele estaria cometendo a mesma injustiça ocorrida a ele mesmo, porém ele repensou sua escolha pois, sabia da consequência de que provavelmente iriam aumentar sua pena. Num dilema difícil como esse ele precisaria de tempo para refletir, mas não havia esse tempo disponível portanto pensou de maneira rápida, com dó da inocente idosa, resolveu contar a verdade.

- John! Devo confessar que eu pus algumas drogas na bolsa desta senhora. - disse isso apontando diretamente a ela.

- Bem... podemos averiguar se isso é verdade.

O detetive pegou a bolsa dela abriu e revistou, concordou com Ed assentindo com a cabeça.

- O senhor pôs as drogas no momento em que estava no avião?

- Sim... Aqui mesmo.

- Então poderemos ver através das câmeras no avião, sigam me. - Com as mãos acorrentadas, seguiu John através do corredor. Todos fixavam seus olhares com desaprovação ao jovem acorrentado, sentindo-se abalado continuou caminhando cabisbaixo. Quando chegaram, John pediu para que esperasse sentado, o detetive ligou um monitor na parede e mexeu nele por 1 minuto, logo depois, Ed conseguiu ver do lugar onde estava um vídeo intrigante, era possível ver ele mesmo dormindo, pelas imagens era como se estivesse sendo gravado pelo encosto do banco que estava em sua frente.

Will apareceu repentinamente no vídeo e trocou a bolsa que estava no colo do Ed por outra idêntica e rapidamente Will saiu sem acordá-lo.

- Como?! - Indagou Ed, furioso - Por quê? Por que ele fez isso? Detetive, como você vê nessa filmagem eu sou inocente!! Por favor, solte minhas algemas, elas já me esfolaram o suficiente.

- Me perdoe por não acreditar em você, porém todas as evidências diziam o contrário - Enquanto dizia isso, John tirava suas algemas, agradeceu profundamente quando as algemas foram retiradas de

seus pulsos.

- Agora, que tal fazermos umas perguntas ao seu amigo, Ed?

- Eu tenho apenas uma, quero saber só o porquê ele fez isso comigo!

Então rapidamente os dois caminharam na direção do assento de Will. Ao chegarem, Ed tinha uma imensa vontade de dar um soco nele, mas conseguiu se estabilizar e apenas perguntou:

- Por que você fez isso?! - disse ele aos berros, e Will solenemente respondeu:

- Porque eu não queria me arriscar, se me pegassem com toda essa droga, imagina quanto tempo desperdiçado eu teria da minha vida. Então eu simplesmente botei a culpa em você, não é muito mais simples fazer isso? - Ed

com fúria deu um soco em Will e agilmente o detetive apartou a briga de maneira rude, segurando no ombro de Will e algemando-o, Ed se acalmou aos poucos, agradeceu o detetive John e voltou ao seu assento, ele não conseguia se expressar com exatidão o que sentia, era uma mistura de alívio com ódio.

Foi pegar seu fone de ouvido para relaxar e notou que a senhora em sua frente não estava com o mesmo semblante de horror. Estava com um semblante frio e sereno. Ela levantou-se de seu assento e seguiu em frente em direção ao banheiro, ao chegar lá trancou a porta e retirou o celular de sua bolsa, ligou-o e digitou uma surpreendente mensagem: O PLANO FALHOU, ABORTAR MISSÃO!



Meu nome é Hugo Lacerda e eu tenho 17 anos. Nasci e vivo até hoje na minha em Macaé, minha vida mudou e começou quando eu conheci Jesus, ele transformou minha vida e me fez a pessoa mais feliz do mundo. Gosto muito de estar com pessoas, e de alegrar aos que estão ao meu redor.

A GUERRA DA PAZ

Era um dia comum no reino de Brishighet, quando a anciã foi falar urgentemente com o Rei Wolfgang. Ela disse que o tempo da profecia estava chegando, e que aconteceria no próximo dia de lua cheia. A profecia dizia : "Nascerá um garoto, que terá todos os reinos em suas mãos". Ao ouvir as palavras da anciã, o rei ficou feliz, pois sua esposa, a rainha Heloísa estava para dar a luz. Antes da anciã sair do castelo o rei a alertou para não contar a ninguém que o dia da profecia estava chegando.

Pouco tempo depois nasceu o filho do rei, numa noite de lua cheia, seu nome era Bennett. O rei já estava decidido que seu filho seria a criança da qual a profecia dizia, por isso o rei decidiu dar uma festa, a maior que já aconteceu no reino, todos os moradores do reino foram entregar presentes ao príncipe, ouro, incenso e tudo que tinha de valioso foi entregue para a criança. Durante a festa o rei já não aguentava mais esconder o segredo de que seu filho era a criança da profecia, e queria contar para o general de batalha do reino sobre o que a anciã tinha contado pra ele. O Sr.Wolfgang estava indo chamar o general

chamado Conrad, para lhe contar sobre a profecia quando o viu sair as pressas do castelo e com um grande sorriso em seu rosto. Acabou a festa e então no dia seguinte o rei mandou chamar Conrad para lhe contar da profecia, e para saber o que havia acontecido para ele sair as pressas da comemoração do nascimento do príncipe sem nem ao menos ter avisado. Quando o general chegou no castelo de Brishighet o rei lhe perguntou o motivo de ter saído as pressas do castelo, o general respondeu dizendo que sua esposa tinha dado a luz a um menino que se chamava Arthur. No mesmo instante o rei resolveu ficar quieto sobre a profecia, pois Wolfgang tinha medo de que seu filho não fosse o escolhido. Anos se passaram, e o reino de Brishighet estava crescendo, Brishighet tinha conquistado muitas terras através de guerras, e estava sendo conhecida por ter os guerreiros mais fortes que já pisaram na terra, seu método de treinamento de soldados era impressionante, e todos em volta queriam saber como faziam para ter um exercito tão poderoso.

Brishighet queria crescer cada vez mais, para se tornar o reino mais forte e assim não temer nenhum inimigo, eles já tinham lutado contra outros reinos e até agora, não havia ninguém que tivesse conseguido se defender contra ele, Brishighet vencia todas as guerras, todos em volta respeitavam muito o reino do Lord Wolfgang, e por isso faziam acordos de paz, ou até mesmo se aliavam a eles pois tinham medo de serem atacados.

Distante de lá, havia um reino chamado Bruges, que era maior do que qualquer outro reino, seu exercito não era tão bem treinado quanto o de Brishighet, porém eles tinham muitos guerreiros, e quando atacavam não tinha um reino que ficasse de pé. O rei de Bruges era Walden, estava sentindo ameaçado por Brishighet, pois a fama do reino estava crescendo, e por isso resolveu enviar um grande exercito para destruir-los, o objetivo era diminuir seu exército e matar Randall que era o homem responsável por fazer Brishighet ter guerreiros tão fortes. Fazia um mês que Bennett e Arthur tinham completado 10 anos, quando Wolfgang recebeu a noticia que havia um grande exercito há 2 horas dali, Wolfgang não sabia de onde eram, sabia apenas que eles estavam indo para o norte de Brishighet, então o rei mandou reunir o seu exercito e marcharem rapidamente para o norte do reino, Wolfgang também enviou uma carta para os reinos vizinhos solicitando ajuda, porem ate a carta chegar os inimigos já estavam, há 50 minutos do reino. Quando o exército de Bruges chegou nos muros eles o general Conrad estava mandando eles recuarem, para não sofrerem as consequências, o general estranhou que Bruges o reino com o maior número de guerreiros tinha levado poucos soldados para a batalha, esse pequeno exército ficou parado em frente ao portão norte até ouvirem um grande estrondo no outro lado do reino. O barulho que pareceu com som de um terremoto eram as tropas de Bruges que tinham derrubado o portão sul de Brishighet, eles enviaram um pequeno exército para o norte do reino,

porém o ataque seria feito pelo portão sul com um grande exército, no mesmo instante que o estrondo foi ouvido o exército de Bruges que estava no norte correu em direção a outra parte das tropas, do lado de dentro do reino, as tropas de Brishighet foram em direção ao barulho, já que a ameaça no portão norte havia recuado. Só que já era tarde, uma parte do exército de Bruges estava correndo em direção ao castelo, e a outra ficou esperando a defesa do reino para lutar, quando começou a batalha no sul do reino, nesse momento os reinos vizinhos Trakai e Dubrovnik chegavam com seu exercito para proteger o reino do Sr.Wolfgang, Bruges tentou lutar contra eles porém já não eram a maioria e após perderem muitos homens, eles recuaram. Porém havia outra parte do exército procurando por Randall que estava protegendo a rainha e o príncipe dentro do castelo, Randall que era a última linha de defesa entre os inimigos e a realza, Randall estava correndo com Heloísa e Bennett para coloca-los em um lugar seguro, porém já era tarde, Randall teve de deixá-los numa sala cheia de espadas, pois o exercito de Bruges estavam muito perto deles, Randall empunhou sua espada e não fez mais que derrubar dois soldados antes de cair morto no chão, o grito do príncipe fez com que os inimigos notassem sua presença dentro daquela sala, e foi em direção ao príncipe. Heloísa pegou uma espada para proteger seu filho, mas foi em vão, os soldados tiraram a vida dela, porem pouparam a vida da criança, que viu a cena toda acontecer na sua frente. O exército de Brishighet e seus aliados já estava perto do castelo, quando a tropa de Bruges tentava fugir do reino o mais rápido possível, eles não conseguiram fazer muita coisa, e foram facilmente derrotados. O rei não estava no castelo, durante o ataque, e então o general Conrad foi até onde o Wolfgang estava para lhe contar o que havia acontecido com sua esposa e com Randall, e como Bruges tinha invadido o castelo. Quando Conrad terminou de falar, o rei propôs reunir todo o seu exército para contra atacar, porem o general Conrad o impediu e disse que seu exército não conseguiria derrotar o inimigo, e só perderiam mais soldados. O rei acatou o que Conrad disse. O reino estava fraco após o ataque, pois tinham perdido muitos soldados.

O reino que estava crescendo cada vez mais, estava extremamente fragilizado, por isso o rei e o general resolveram aumentar o número de soldados, tornando obrigatório que todas as famílias enviassem seu filho mais velho para participar do treinamento para se tornarem guerreiros, e assim começou um processo para o reino aumentar seu exercito e assim poder destruir toda a Bruges.

Até eles terem um grande exército onze anos se passaram, e muitas crianças, como Arthur e Bennett tinham se tornado fortes guerreiros, por mais que Brishighet estava totalmente reconstruída do ataque de Bruges, o coração do rei e do príncipe ainda estava despedaçado, Bennett ainda via a morte da sua mãe em seus sonhos, e estava em busca de vingança, Bennett daria tudo para destruir Bruges, por isso ele passou aqueles 11 anos de vida treinando para se tornar um guerreiro junto com Arthur, Conrad era professor dos dois, e os ensinou muito bem, ninguém de Brishighet era mais forte que os dois.

Eles treinaram por quase todos os dias de suas vidas desde os 10 anos de idade. Já aos 21 anos de idade, os dois costumavam fazer missões fora do reino para treinar suas habilidades, e nesse dia o rei tinha chamado os dois para acabar com a ameaça de um urso que estava atormentando os pescadores do reino.

Então saíram os dois devidamente preparados para enfrentar a ameaça; quando chegaram no local onde o urso foi visto pela última vez, os dois jovens ouviram um grito de socorro muito alto, e foram correndo para saber o que era esse grito. Era uma mulher, que estava sendo perseguida pelo urso, Arthur foi correndo em direção da mulher para protegê-la, em quanto Bennett foi atrás do urso para acabar com a ameaça de uma vez por todas. Bennett tentou atacar o urso, porém não conseguiu, então o urso atacou com suas garras mas foi em vão, Bennett levantou seu escudo que ficou apenas com um arranhão, nesse momento Arthur chegou para ajudar, que aproveitou que o urso estava distraído com Bennett e o acertou um golpe em seu pescoço que acabou com sua vida.

A menina estava aterrorizada, e estava branca como uma nuvem, porém percebeu que a ameaça tinha acabado, e começou a se acalmar. Arthur perguntou o que ela estava fazendo ali, e porque não estava dentro do reino, ela disse que desde que sua mãe morreu durante a batalha contra os Brishighets ela ia quase todo dia para o lugar preferido de sua mãe.

O príncipe de Brishighets, se assustou com as palavras que ela disse, pois também tinha perdido sua mãe na guerra, porém nunca tinha imaginado que seu próprio reino teria matado uma mulher inocente. Ele percebeu que o que fez a sua mãe e a mãe da menina morrer foi a ganancia de querer se tornar o maior reino. Foi nesse dia que ele decidiu que faria diferente, e buscaria a paz entre os reinos, para que ninguém mais precisasse passar pelo que ele passou. Eles continuaram conversando e conheceram mais um sobre o outro, quando foi surgindo a noite, a menina que atendia pelo nome Teresa, disse que precisava voltar para casa. Arthur e Bennett também voltaram para o reino, o príncipe não conseguiu dormir pensando naquilo, e resolveu fazer algo que poderia resultar em sua morte. No outro dia de manhã, ele resolveu sair, só que dessa vez sem Arthur, em direção ao reino de Bruges para acabar poder viver em paz. Seu objetivo era apenas de conseguir um acordo de paz com Walden o rei de Bruges, ele foi lá totalmente desarmado, ele apenas queria acabar com as batalhas, pois ele havia vivido 21 anos e passou todo seu tempo apenas treinando para se tornar um guerreiro, ele havia perdido toda sua vida para uma vingança, que só traria mais mortes. Chegando lá, o soldados que vigiavam os muros de Bruges perguntaram o que ele estava fazendo ali. Sua resposta foi simples, ele se apresentou, e disse que precisava conversar com o Walden. No mesmo momento, todos os guerreiros apontaram suas armas para

ele, porém Bennett estava desarmado e exclamou isso a todos que estavam ali presente, os guerreiros foram confirmar se tinha alguma arma com ele ou se tinha alguém em volta escondido, e confirmaram que ele estava sozinho, porém não permitiram sua entrada ao reino para ir falar com o rei. Mas ele exigiu, já que tinha sido soldados a mando de Walden que matou sua mãe, essa seria a forma que eles poderiam se redimir pela maldade feita pela rei.

A entrada de Bennett foi autorizada, mas eles avisaram que o rei estava doente, e que poderia se recusar a falar com ele, na entrada do castelo, Bennett pediu aos guerreiros para falar com o rei, e pediu para avisar que ele era o príncipe de Brishighet. Foi nesse momento que Walden percebeu que se tratava do filho da rainha morta pelas mãos do seu reino.

Ao entrar na sala com o rei, era nítido que ele estava muito debilitado, e que sua voz já era fraca, o rei então começou a conversar com Bennett, que explicou que para ele as guerras já não faziam mais sentido, que trazia mortes desnecessárias, e que todo o seu desejo de vingança já tinha acabado. O rei se encantou com suas palavras, e disse que como ele morreria logo, ele tinha medo de que seu reino fosse atacado, e seu bem mais precioso ficasse desprotegido. Walden sabia não sairia mais daquela cama, e que seu bem mais precioso que eram suas filhas precisavam ficar seguras. Por isso, o rei propôs dar a mão de sua filha mais velha em casamento, e em troca ele assumiria o trono Bruges, para cessar as guerras que matavam tantos inocentes. E assim foi feito, Bennett prometeu que todas as filhas do rei ficariam seguras, e que ele não haveria mais guerra. Bennett realmente trouxe paz para o mundo, e governou o reino de Brishighet e de Bruges como nenhum outro, todos estavam prosperando e a paz foi alcançada, por conta de uma mulher que compartilhou sua dor com Bennett, e no fim acabou se casando com Arthur. Por fim todos estavam vivendo a melhor época de todos os tempos e Bennett estava feliz pois os inocente já não morriam mais por conta da guerra.

Eu, João Vitor da Costa Noronha, nasci no dia 15 de junho de 2003, em Macaé, Rio de Janeiro. Eu moro com meus pais, tenho um irmão chamado Caio e um cachorro chamado Dylan. Vivi um tempo no México, e depois retornei. Fui alfabetizado em inglês e espanhol. Toco bateria, também toco clarinete na orquestra.



Além de música, eu gosto de esportes, principalmente vôlei. Pretendo começar a fazer Engenharia Mecânica em 2022.

Poder Dividido

Nashville, capital do Tennessee, um lugar admirável e tranquilo, ou pelo menos costumava ser antes do “Incidente M-98”, ocorrido no dia 13 de outubro de 2020. Nesse dia, o povo de Nashville vivia normalmente, mas se você quer saber, o início do desastre começou perto de mim. Meu nome é Matthew Ricks, e devo dizer que depois dessa aventura, minha vida nunca foi mais a mesma. Nesse dia, eu estava numa casa-fazenda com meus amigos, curtindo o belo dia com um churrasco e uma piscina refrescante. Eu estava com o braço engessado, por causa de um acidente recente, e imagino que muitos presumiam que eu era o que menos estava curtindo o dia. Mas não era verdade, eu gosto muito de estar junto com meus amigos, então eu estava tranquilo. Mais tarde nesse dia, meu grupo decidiu dar uma caminhada num campo aberto ali perto.

- É Matt, você não perde nenhuma aventura, mesmo com a asa quebrada! - disse Wade. Wade é um grande amigo meu, a gente se conhece praticamente desde sempre, e por isso, sempre rolam umas piadas e brincadeiras pra descontrair.

- Óbvio que não! Meu braço bom ainda tá funcionando, não tá? Sem contar que eu ando com as pernas, Wade. - Foi o que eu respondi. Uma das minhas coisas favoritas é explorar. Existem muitas coisas belas no mundo e eu curto demais e tenho vontade de admirá-las, principalmente se eu tiver a chance de viajar pelo mundo.

- Ei gente, olha o que tem aqui! - disse Peggy. Eu a conheço a pouco tempo, e ela foi convidada por Luke pra vir pra casa-fazenda (isso porque Peggy é a crush de Luke). Luke é outro amigão meu, e apesar de eu não o conhecer a tanto tempo quanto conheço Wade, a nossa amizade é igualmente forte e saudável. Luke é um cara mais tranquilo, menos implicante, mas bem divertido também.

Peggy e Luke estavam andando mais à frente, e encontraram algo pra mostrar pra gente, e quando nos aproximamos, estava lá uma bela cachoeira a uns 10 metros de distância, quase que no meio da floresta que fica ao lado do campo da casa-fazenda.

- Eu ia comentar que a gente saiu da piscina tipo uns 20 minutos atrás só pra poder encontrar uma cachoeira secreta na floresta, mas já que hoje tá tão quente né... - disse Luke.

- Ah, nem se compara cara, essa cachoeira deve estar muito mais refrescante do que a piscina. - Foi o que eu respondi.

Logo em seguida, Janet veio correndo trazendo uma caixa térmica, provavelmente com uns lanchinhos bacanas.

- E aí gente, cheguei... cheguei. Ui, cansei. - disse ela, cansada, mas ainda bonita como sempre. Eu "conheço" ela há alguns anos, mas nunca estive convivendo tão de perto para conhecê-la de verdade, conversar e tal, mas desse tempo pra cá nós viemos criando uma boa amizade, e apesar de eu saber que eu gosto muito dela, prefiro não contar para ela por enquanto.

- Bom, agora que chegou o lanchinho, quer dizer, chegou todo mundo, podemos ir aproveitar a maravilhosa cachoeira que está nos chamando? - disse Wade, com fome como sempre.

- Cachoeira? Cara, essa corridinha já me deixou toda soada. Vamos logo pra essa tal cachoeira abençoada! - disse Janet, realmente soada e ofegante.

Então fomos para a cachoeira e aproveitamos bastante. Depois de umas horas, já era final de tarde e o sol já ia se pôr.

E então o desastre chegou até nós. Recentemente nas notícias, o maior assunto tratado era sobre a possibilidade do Meteoro 1998 (M-98) atingir a

Terra, e adivinhem quem encontrou a gente. Pois é, Luke foi o primeiro a avistar o M-98, mas não deu tempo dos outros reagirem a tempo de fugir da cachoeira. O M-98 caiu ali bem próximo da cachoeira, sem atingir a gente, mas bloqueou a passagem de água entre o rio de cima a cachoeira onde estávamos. Parecia que o meteoro tinha se transformado em uma espécie de funil que fazia a água passar através dele, mas se tornando um roxo brilhante muito estranho. Essa água roxa começou a chegar na gente em questão de segundos, enquanto tentávamos sair de lá. A pancada forte da água derrubou Peggy, Janet e eu. Wade e Luke, que estávamos fora d'água, nos viram em apuros e decidiram pular lá dentro pra nos ajudar. Sério, imagina que alguém jogou muito suco de uva na água e que esse suco tem luz própria. Era exatamente assim que nós nos sentimos dentro dessa cachoeira. Depois de tirarem todos da água, desabamos no chão pra respirar e se recuperar. Fiquei preocupado pensando se essa água poderia ter afetado a gente de alguma forma, mas eu pelo menos me sentia normal, tirando o fato de ter visto aquele meteoro gigante, e pela pancada de água. Depois de me recuperar, levantei-me para dar uma olhada na cachoeira, e percebi que a água roxa estava sumindo, e estava começando a se tornar água cristalina de novo. Fui correndo pra subir o rio pra ver o meteoro, e Janet me viu e correu atrás de mim. Assim que subi, vi o meteoro que havia afundado como se estivesse em areia movediça, deixando passagem pra água do rio. Queria olhar de perto e entender o que era aquilo, mas então Janet tocou no meu ombro:

- Esquece isso, Matt. Vamos chamar especialistas pra resolver isso.

Nem precisou dizer muita coisa. Estávamos todos doloridos e exaustos de tanto medo, então voltamos pro grupo pra sairmos de lá. Dei uma última olhada pro rio, e mais uma coisa me chamou atenção. Percebi no fundo do rio umas pedras roxas brilhando de vez em quando. Elas tinham o mesmo formato estranho, meio triangulares com pontas achatadas. Preferi ficar quieto, pois podiam ser alucinações minhas mesmo, então voltamos pra casa-fazenda, e prometemos não lembrar e nem falar desse dia de novo. E é assim que nós temos vivido nesses últimos cinco meses: normalmente. Bom, pelo menos até eu fazer uma grande besteira. A verdade é que algumas semanas depois desse evento, eu voltei para a casa-fazenda por causa da minha curiosidade com relação às pedras. Decidi ir à noite e não contei pra ninguém, porque não queria incomodar o pessoal por algo que poderia não ser nada. Além do mais, eu havia acabado de remover meu gesso do braço, então eu podia me virar sozinho agora. Chegando na cachoeira, foi fácil achar as pedras, pois começaram a brilhar como estrelas, porém não muito intensamente. Mergulhei e peguei tudo que vi que brilhava, eram cinco pedras idênticas, mas seu formato não tinha nada de normal para pedras. Guardei elas na minha mochila e levei para casa sem problema algum. Com o passar do tempo, fui conhecendo essas pedras, que agora eu as entendia como aparelhos, e que por fim decidi nomear de "Magerox".

É a mistura da cor magenta (mage) do brilho delas com a abreviação de pedra em inglês (rocks/ roxs). Mas enfim, descobri que as Magerox liberam habilidades especiais para o portador, basta estar em contato com ela que a habilidade aparece. Porém, eu só conseguia usar uma das Magerox, porque usar mais de uma ao mesmo tempo gerava dores demais em mim. E por algum motivo, eu não conseguia acionar as outras, eu só podia ligar uma delas. A que eu tive acesso, me deu agilidade no movimento, além de um super-pulo, e a capacidade de correr o dobro da capacidade humana. Outra descoberta minha, ou pelo menos diria que é uma teoria, é que o meu acesso à Magerox tem a ver com o meu contato com aquele líquido roxo da cachoeira, porque percebi que ao usar a Magerox, meus pulsos brilhavam roxo também, como se estivessem “ligando” o aparelho comigo.

Durante esse tempo, eu não estive muito em contato com meus amigos, porque era uma época do pessoal de viajar, então não tínhamos muito tempo de se falar. Porém, alguns dias depois, mandamos mensagens uns para os outros marcando de nos encontrarmos na praça da cidade pra bater papo. Enquanto conversava pelo celular, minha mãe estava na sala assistindo o jornal na TV, e o assunto tratado na reportagem era o incidente do M-98, e que havia uma empresa de biotecnologia chamada “Traven Tech” analisando o meteoro e recolhendo qualquer amostra na área. Minha mãe virou para mim e disse:

- Filho, não foi aí que você e seus amigos foram passar o fim de semana no ano passado? Se não me engano, esse meteoro caiu lá no mesmo dia que vocês foram. – A expressão dela era muito nítida. Ela estava preocupada e assustada, e eu não sei o que ela faria se soubesse que eu estive tão perto de algo tão bizarro e perigoso quanto aquilo.

- Não, a gente viu essa notícia na época, esse meteoro caiu lá mais ou menos uma semana depois da gente ter ido lá. – Foi o que deu pra inventar para acalmar ela.

Me pareceu que eu tinha convencido ela, já que ela não falou muita coisa depois disso. Falei para ela relaxar e descansar a cabeça e depois falei que ia sair pra ver meus amigos e voltaria mais tarde. No caminho pro parque, tive a ideia de usar meu novo aparelho pra ver se eu pegava o jeito com ele. Me certifiquei de que ninguém estaria me vendo e acionei a Magerox, e já conseguia me sentir mais ágil. Eu corria, pulava até o topo das casas, fazia um belo parkour, e me sentia ótimo, como se eu estivesse mais leve e que eu havia treinado por meses pra fazer aquelas manobras. A sensação era extremamente boa, parecia até que era mentira, como se eu estivesse sonhando e pudesse fazer o que eu quisesse.

No meio do percurso, avistei um caminhão com a logo da Traven Tech e decidi me aproximar sorrateiramente para ver o que eles faziam. Eles descarregavam equipamentos do caminhão que pareciam ser de rastreamento, e havia muitos soldados armados, o que era realmente estranho. De dentro do prédio, saiu o

chefe da empresa, Dany Traven, que devia estar bem bravo, e não parava quieto. Eu não conseguia ouvir nada do que eles falavam, até que em um momento, ouvi sons de alarme vindo do rastreador, e os soldados começaram a olhar em volta, até que alguns deles olharam bem na minha direção, e apontaram para mim. A única coisa que eu consegui ouvir naquele momento foi o grito desesperado do Traven:

- PEGUEM ELE!!!

Três tiros vieram na minha direção, mas não me acertaram, então me levantei no maior susto, juntei minhas forças e saí de lá num grande pulo, e muita velocidade. Eu ouvia os carros deles acelerando e me perseguindo, mas eu não olhava para trás. Me esforcei para despistá-los, o que não foi tão difícil, e então me lancei em direção ao parque pelo caminho mais improvável. Corri mais um pouco até chegar na região principal do parque, onde estavam meus amigos, conversando e me esperando. Todos eles se viraram para mim, e viram como eu estava assustado. E veloz. - O que aconteceu com você, Matt? – perguntou Janet, com uma expressão meio preocupada.

Expliquei do melhor jeito que pude estando histérico e ofegante, além de ter que citar as Magerox, o que não era nada fácil de explicar também. Resumindo, eles não devem ter entendido muito do que eu falei. Depois de ter recuperado o fôlego, eu tirei as outras Magerox da minha mochila.

- Eu tenho algumas dúvidas, e preciso de vocês pra saber as respostas. – falei para eles enquanto entregava um aparelho para cada um.

Falei para eles usarem as Magerox como acessórios, tipo um cordão ou pulseira, para que o aparelho mantivesse em contato com o corpo. Logo de cara, as Magerox reagiram aos meus amigos da mesma forma que foi comigo, com o brilho das pedras e das veias brilhantes neles. Claro que eles tomaram um susto na hora, mas rapidamente se tranquilizaram e pudemos ver uma coisa interessante. Cada Magerox continha uma habilidade diferente, que ainda precisaríamos conhecer melhor.

- O que é isso?! – disse Peggy. Ela estava com os olhos brilhando numa cor branca, não sei se ela estava cega ou se estava olhando alguma coisa, porque ela ficava olhando para todo lado. – Por que tudo ficou tão claro do nada?

Não entendi a pergunta dela. Ainda era noite, mas parecia que ela enxergava tudo como se fosse de dia.

- Aí gente, descobri meu poder. – disse Luke, que tinha arrancado uma gangorra e aparentemente estava segurando-a com uma mão só.

- Super-força! Nada mal, mas eu preferi minha habilidade. – disse Wade, fazendo a gente olhar para ele enquanto ele lançava uma pedrinha do chão num poste de luz a uns 15 metros da gente, e quebrando a lâmpada.

- Parabéns, Wade. Seu poder é quebrar lâmpadas. – disse Luke com sarcasmo.

- Errado, meu caro. Percebi que minha habilidade especial é fazer cálculos rápidos de lançamento. Ou seja, eu não consigo mais errar nenhum alvo que estiver ao meu alcance. - disse Wade com cara de satisfação.

- Duvido. – Luke pegou uma bola de basquete e entregou para Wade. – Acerta a cesta de basquete então. Mas...a bola tem que quicar em três lugares antes de cair dentro da cesta.

- Ok. – Wade começou a olhar para a bola, mudar ela de posição na mão, como se estivesse procurando algo na bola. Depois, olhou rapidamente para o ambiente, e então lançou a bola no travessão do gol, que depois voou até a grade da quadra, voltou e bateu na gangorra que Luke havia removido, e por fim caiu dentro da cesta fazendo um chuu.

- É, acho que é isso mesmo que ele falou. – Respondi espantado. Em seguida, olhei em volta, procurando Janet, que logo encontrei, sentada num banco, olhando para as mãos e provavelmente pensando bastante. Me aproximei dela e disse:

- Oi. Você tá bem?

- Não sei...não tô entendendo se alguma coisa em mim mudou ou não. – disse ela, ainda olhando para as mãos.

- Ei, não tem problema nenhum. Você não precisa dessas habilidades bizarras pra ser melhor do que você já é. A real é que a gente nem deveria estar se metendo com essas loucuras extraterrestres ou sei lá o que isso for.

- Bom, mas aí a culpa é da sua curiosidade gigante né. – disse ela, rindo e melhorando o humor. Acabei rindo também.

- Pois é. Fui eu mesmo que meti vocês nisso. – Respondi sorrindo, mas ao mesmo tempo meio confuso e um pouco culpado.

- Relaxa, Matt. Você não fez errado não. Melhor você ter compartilhado isso com a gente, porque se algo acontecesse com você, nós nunca saberíamos e ficaríamos preocupados.

Ela sabia como me tranquilizar, mesmo numa situação tão sem sentido como essa. Alguns minutos depois, Peggy chamou a gente.

- Galera, temos um problema. – Peggy avistou carros da Traven Tech entrando no parque muito rapidamente, e percebemos que eles estavam cercado as saídas do parque.

- Meu Deus, esses caras devem estar atrás das Magerox. – falei enquanto procurava uma escapatória.

- Me acompanhem! – disse Peggy. – Minha habilidade inclui visão noturna e visão térmica, então eu posso garantir que não vamos na direção de nenhum soldado.

Corremos para acompanhar Peggy, mas não conseguimos ir muito longe. Fomos atingidos por armas de choque e caímos no chão. Só pude ver o sr. Traven se aproximando, olhando para mim com uma cara de satisfação, e disse:

- Muito bom. Agora vamos recolher os brinquedinhos deles...

E então apaguei.

Quando eu estava começando a acordar, vi que eu estava algemado e andando dentro de alguma instalação, provavelmente a sede da Traven Tech. Percebi que meu colar com a Magerox ainda estava no meu pescoço. Então esperei até minha consciência voltar 100% e então, quando os guardas foram abrir uma cela, pulei no teto, e caí chutando os dois. Encontrei a chave das minhas algemas na roupa do guarda, e me soltei. Também peguei uma pistola dele, e então fui procurar os outros.

Andei um pouco até finalmente encontrar alguns guardas prendendo o Luke. Esperei até os guardas saírem, porque eu não conseguiria dar conta de todos. Assim que ficou livre, me aproximei da cela, olhei em volta e decidi pular e entrar pela tubulação. Não achei que fosse dar certo, mas consegui cair dentro da cela de Luke. Ele estava meio desacordado, e ainda algemado.

- Ei cara, acordá!

Aos poucos ele foi se recuperando e então acordou.

- Onde nós estamos? – disse ele com a cara de quem acabou de acordar de uma noite cansativa.

- Acho que estamos no prédio do Traven. Ele quer recolher as Magerox da gente, mas não sei por que ele não tirou da gente enquanto estávamos inconscientes. Aliás, você ainda está com a sua né? - Sim. – disse ele, olhando para o pulso algemado para ter certeza. - Então, você é meio que o fortão do time. Vamos quebrar algumas coisas por aí?

Começando pelas suas algemas, talvez.

- Verdade. – Então com um pouquinho de esforço apenas, Luke quebrou as algemas como se fossem gelo. – Vou ficar com cara de Hulk agora né? Os músculos do grupo, como se eu não soubesse usar minha mente também.

- Bom, não é porque você é o fortão que você não pode pensar também. Então se você tiver alguma forma de tirar a gente da cela usando sua mente brilhante, vai em frente.

Luke olhou por poucos segundos para a porta da cela, e então desistiu de pensar. Segurou firme a porta e arrancou ela.

- Viu, usei minha mente. Agora vamos atrás dos outros.

Não muito longe dali estava a cela de Wade, ao lado da cela da Janet e da Peggy. Depois de libertarmos todos, ouvi a voz de Traven, e parecia que ele estava fazendo um discurso. Segui a voz dele até encontrar uma janela que mostrava um setor enorme, com muitos soldados ouvindo Traven falar, e pelo visto, ele estava falando sobre a máquina gigante do lado dele. E no fundo, dava pra ver o meteoro, que pelo visto foi levado para lá para extrair recursos dele.

- Com a energia desse meteoro, podemos abastecer praticamente tudo! Um novo arsenal de armas com energia alienígena, equipamentos de alta qualidade, e até mesmo distribuir essa energia pelo prédio inteiro! – foi o que eu ouvi do discurso dele.

Meus amigos se aproximaram da janela para ver e ouvir também, e logo perceberam como era uma péssima ideia.

- A energia desse meteoro não é tão simples quanto Traven pensa! – disse Wade.

- Pois é, mas acho que ele não pretende estudar muito essa energia antes de começar a usá-la não. – Respondi.

- Vamos ter que dar um fim nesse meteoro e na máquina do Traven. –

Lancei a arma para ele, e então ele começou a disparar com uma habilidade incrível. Realmente sua habilidade envolvia mira e cálculos rápidos. Decidi entrar na briga também. Eu era rápido e podia derrotar alguns soldados nos socos e chutes, apesar de eu não ser muito forte. Então liberamos caminho até a máquina e Wade logo começou a remover os cabos da máquina. Porém, Traven veio na nossa direção com um bastão de ferro para me acertar. Não tive tempo de reagir e desviar, mas quando ele estava prestes a me acertar, o seu movimento parou, e ele olhou confuso para o bastão, e então o bastão voou para trás. Nós dois olhamos para trás e vimos Janet, com as mãos para frente, que parecia ter manipulado o bastão. Então eu chutei Traven e fui falar com ela.

- Eu acho que meu poder é manipular metais. Sou tipo um ímã!

- Muito bom, agora ajude o Wade a remover as partes da máquina. Seu poder pode ser útil.

Janet se aproximou da máquina, levantou as mãos, fechou os olhos, e então as peças da máquina começaram a levitar e se soltar. Porém teve uma peça que liberou muita energia, e deu um grande choque em mim, no Wade e na Janet. Nós três caímos no chão. Enquanto isso, Luke e Peggy lutavam com os soldados que pelo visto conseguiram arrombar a porta que Luke havia tentado tampar. Também notei que uma outra habilidade de Peggy era visão de calor, estilo raio laser do Superman, o que era muito irado. Peggy viu a gente no chão e correu na nossa direção.

Porém foi pega de surpresa por Traven, que carregava uma arma de plasma e tinha atirado na Peggy.

- Por algum motivo, eu e meus homens não conseguimos encostar e tirar essas pedras de vocês, mas sabemos que isso é que dá poderes para vocês e que essas pedras vêm do meteoro. Então, eu VOU conseguir pegar de vocês! Aliás, eu já estava trabalhando nisso, e pelo visto estou me saindo bem. Veja seu amiguinho por exemplo. – disse Traven apontando para trás de Peggy

Peggy olhou para trás e viu que os soldados conseguiram imobilizar Luke e estavam retirando a Magerox dele usando um dispositivo de remoção.

- Eu vou coletar a energia dessas pedras, e vou conseguir me unir ao poder delas todas ao mesmo tempo, e ninguém vai conseguir me parar! – enquanto Traven falava, ele usava um outro dispositivo de remoção para tirar as Magerox de mim, do Wade e da Janet.

Percebi o olhar de Peggy de que teve uma ideia com o que Traven disse. Mas não podia ser verdade que ela estava pensando isso. Eu disse claramente para eles que só de usar duas Magerox ao mesmo tempo já causava dores ao portador.

- Pois é, Traven. Mas você iria demorar pra notar que você precisaria entrar em contato com o líquido do meteoro para receber acesso às pedras. Pena que seu belo meteoro agora está sequinho, e tudo que você pode encontrar desse líquido está em nós cinco. – disse Peggy com muita confiança.

- Pois então eu vou tirar do sangue de vocês. Obrigado pela dica. – respondeu Traven.

- O único problema é que como você mesmo disse, ninguém conseguiria parar a pessoa que usasse todas as pedras ao mesmo tempo! – depois de dizer isso, Peggy disparou uma pequena rajada de laser no dispositivo de Traven, correu na direção dele e pegou as três pedras antes delas caírem no chão, depois correu na direção dos guardas com a Magerox de Luke e disparou laser neles também e pegou a Magerox dele. Juntando tudo, Peggy começou a brilhar intensamente, e ela caiu no chão pondo as mãos na cabeça, com certeza sentindo dor. Mas alguns segundos depois, uns guardas correram até ela para pegá-la, e ela simplesmente os chutou e se levantou. Seus olhos brilhavam roxo, assim como suas veias.

- Matt – disse ela com a voz mais profunda e emitindo ecos – tire todos daqui.

- Eu não posso deixar você fazer isso!

- Tá tudo bem. Pode deixar.

Levantei com dificuldade e ajudei a levar todos para fora. Então ouvi Luke gritando:

- Não! Alguém ajuda ela! Peggy! Não faça isso!

Mas era tarde demais. Ela estava ficando cada vez mais brilhante, e o ambiente ia só esquentando. Então ela pulou na direção de Traven, pegou-o nos ombros e o arremessou no meteoro, e depois ela mesma pulou lá. Seu brilho se intensificou até explodir, e rapidamente nós corremos para fora e nos abaixamos. Estávamos machucados e chorando pelo sacrifício de Peggy. Definitivamente o meteoro já não existia mais, assim como Traven e Peggy.

Aproximadamente uma semana depois, fomos ao sepultamento de Peggy, sem saber explicar como enterrar alguém que na verdade tinha sido vaporizada por pedras alienígenas. Não havia corpo para enterrar. Foi difícil explicar o que aconteceu, mas obviamente não podíamos contar sobre o meteoro e os poderes. Infelizmente tivemos que dar uma história falsa para a família dela, e para todo o resto.

Depois do evento, fomos para o parque, conversando pouco, só pensando na dificuldade que tem sido processar isso tudo. Quando paramos e nos sentamos, eu disse: - Pessoal, eu queria pedir desculpas por ter começado isso tudo. Se eu não tivesse sido tão curioso nada teria acontecido.

- Não Matt. Essa situação da Traven Tech só teria piorado se você não tivesse pegado as Magerox e tirado de perto do Traven. O importante é que nós trabalhamos juntos para resolver isso. – disse Janet.

- É, mas isso custou a vida de um de nós. – disse Luke chateado.

- Eu acredito que Peggy não se arrependeu do que ela fez. Era uma vida no lugar de milhares de vidas. Não vamos tratar a morte dela como algo inútil. – Assim Wade finalizou o assunto.

Acho que todos concordamos com Wade, e com certeza iríamos valorizar o que Peggy fez para salvar a todos. Por fim, fomos até a quadra pra descontrair um pouco e jogar um vôlei. Porém, no meio da nossa partida, ouvimos um estrondo, que era o chão da quadra rachando e uma mão saiu da rachadura. Tomamos um susto e nos afastamos um pouco, esperando ver o que iria acontecer. Nem acreditamos no que vimos. Uma menina saiu do buraco no chão. Ela estava toda arranhada e suja, mas sua pele brilhava um roxo bem fraquinho. Além disso, seus cabelos estavam todos emaranhados e bagunçados. Quando ela levantou o rosto, ficamos perplexos.

- Finalmente...preciso de vocês...me ajudem...não estou aguentando mais! – era Peggy, mas seus olhos estavam fundos, como se ela não tivesse dormido durante uma semana inteira e sua voz estava muito fraca, assim como seu corpo.



Meu nome é Joshua, tenho 17 anos no dia em que escrevo essas coisas, brasileiro, nascido em Macaé no Estado do Rio de Janeiro. Cristão salvo e resgatado da perdição eterna pela graça de meu Senhor. Nesses 17 anos estudei em três Instituições de ensino, O SESI, Atlântico e CC, contudo é a primeira vez que me dedico a escrita de um conto e gostaria de retratar em histórias que mesmo que você esteja perdido e sozinho sempre haverá alguém capaz de estar ao seu lado.

Nunca em solidão

Em mundo coberto pela magia, pastos acinzentados, e mares negros se espalhavam para toda e qualquer direção, o Sol já não brilhava em suas grandiosas cores amarelas, mas sim espalhava a noite por onde passasse, seres poderosos vagavam. Entre eles um com escamas negras como piche que pareciam absorver toda luz ao seu redor, olhos opacos e gélidos como o fundo do mar e garras que pareciam ser capazes de dividir montanhas. Esse ser era um dragão majestoso e todo esse cenário sem cor e graça se estendia em seus olhos.

Seu nome era Dagoron, o último de sua espécie, os Dragões rei. Estava sempre solitário e seu mau humor era capaz de evaporar o que estava ao seu redor, ao seu lado nada estava realmente seguro. Os animais o temiam e não ousavam se aproximar pelo medo de serem fulminados ao passar dos limites. Entretanto, isso de maneira alguma tornava o dragão contente, pelo contrário sua tristeza apenas aumentava por não ser capaz de escapar de sua solidão.

Tendo abandonado várias áreas onde havia tentado estabelecer um lar pelo medo daqueles que já a habitavam e se tornavam receosos com a presença do dragão, buscava seu rumo diariamente, seu objetivo? Você pode se perguntar apenas encontrar um local para chamar de lar, onde alguém não o temesse.

Até que em m certo dia, enquanto estava a viajar pelos céus sem cor, nuvens se aglomeraram e uma grande tempestade entrou em seu caminho. Infelizmente um relâmpago crepitante o atingiu derrubando-o perto de colinas. Analisando sua situação decidiu descansar em um conjunto de cavernas que avistara apesar da dificuldade visual causada pela massa de destroços causados pela sua queda. Ali ficou por algum tempo até que passasse a chuva, e logo após ver um raio de luz, saiu de seu esconderijo e observou seus arredores.

Estendendo suas asas percebeu que não possuía a capacidade de seguir seu caminho, uma grande marca se espalhava em sua pele, demonstrando o difícil momento que havia passado. Não havia muito a ser ver no local, mas algo se destacou dentro do mundo sem tonalidade: uma rosa, pequena quase insignificante, mas que diferente de tudo em sua visão, era vermelha-escarlate e brilhava como um rubi refinado, trazendo contraste ao mundo sem cores ao seu redor.

O dragão então ouviu uma voz, firme, mas suave, que não expressava o medo que ele tanto ouviu em todos seus anos de vida.

- Pode me ouvir?

O mundo ao seu redor tremeu quando sua curiosidade pela voz se tornou grande o bastante. Imediatamente Dagoron respondeu.

- Sim! Mas quem é você? Onde está?

O dragão que ainda não havia identificado a fonte da voz, estava ansioso para saber quem estava conversando com ele de maneira corajosa.

- Você sabe onde estou, basta apenas abaixar seu olhar.

Vendo a pequena flor de tom escarlate, ele se impressionou e foi incapaz de segurar seu suspiro. Mas antes que a rosa pudesse entender o significado disso (incomodo, relaxamento, etc...) o dragão a questionou.

- Qual seu nome?

- Heather.

- Meu nome é Dagoron. Mas me diga Heather, por que você possui cor neste mundo sem cores?

- Mundo sem cores? Do que está falando? Está me dizendo que não vê os tons amarelos e verdes das árvores e muito menos os tons de azul e branco que se apresentam no céu?

- Não os vejo. Exclamou.

- Impossível!!! Vamos consertar isso agora mesmo, vou te ajudar, apenas me siga.

Então, sem aviso prévio, a rosa se tornou uma pequenina garota e começou a correr. Atordoado, mas muito interessado na primeira pessoa que buscou uma conversa com ele, o dragão a seguiu sem hesitação.

Após algum tempo andando, encontraram uma área diferente das inúmeras árvores e plantas que observavam no caminho. Uma comunidade. Crianças corriam de um lado e tantas vozes que não se podia contar falavam por toda parte. Um grupo de pessoas veio cumprimentar os dois que acabaram de chegar e, mais uma vez Dagoron se surpreendeu quando nenhum dos habitantes deu um único sinal sequer de medo pela sua presença, mas pelo contrário sem palavras e com olhos brilhantes de curiosidade, se reuniram a sua volta para vê-lo.

O dragão, pela primeira vez em muito tempo, sorriu e respondeu cada questionamento com todo o empenho que tinha. E ao longo do tempo as casas e suas decorações recuperaram um pouco de suas cores. Horas se passaram até o sol se pôr e com ele os cidadãos que haviam ido descansar, foi então que Heather retornou e disse:

- Parece que você se divertiu.

- Sim, fazia algum tempo que não conversava dessa maneira com alguém.

- Vamos, ainda tenho uma coisa para te mostrar.

Saindo da área da comunidade dirigiram-se durante algumas horas para uma direção e um local ainda desconhecidos para o já não carrancudo dragão. E durante esse momento de silêncio a flor conversa com Dagoron.

Antes que Heather terminasse de falar os dois se aproximaram de uma colina. E de repente, ela desapareceu. O dragão percebendo o que havia acontecido observa seus arredores e não a encontra de maneira alguma.

- Você não está sozinho, suas horas de conversa com aqueles cidadãos prova isso, agora abra seus olhos

alguma para ser ouvida.

- Muito obrigado!

Desta vez, enquanto agradecia a rosa, o dragão viu as cores que há muito havia se esquecido. Os pastos verdejantes molhados pela chuva se destacavam em uma floresta tomada de eucaliptos e carvalhos que possuíam todo tom de verde, amarelo e branco, o céu azul se mostrava magnífico, límpido e vivo sem nem uma mancha que maculasse sua cor, possuía um grande sol amarelo e laranja, quente que iluminava aquilo que via. O Dragão que possui escamas vermelhas e não negras, olhos agora vivos, revigorados de sua tensão e tristeza vagavam ao redor curiosos pelo que lhes aguardava em seu caminho neste mundo mais uma vez bonito e que jamais seria novamente tomado pelas trevas de seu coração.



Meu nome Louise Barreto, tenho 18 anos e nasci em Macaé Rio de Janeiro. Gosto de ler, assistir séries, estar com amigos e família.

Gostaria de me formar em nutrição ou talvez biologia. Esse é o primeiro conto que escrevo.

A ilha do velho alemão e o avião nazista

Na véspera de feriado, quando se comemora o aniversário de 250 anos da cidade de Campos Verdes, as previsões indicam que o dia de feriado será ensolarado. Marta está em casa, pensando o que fazer. Seus pais viajaram para Nova Berlinândia, cidade próxima, para visitar seus parentes e Marta sente-se só. Ela resolve telefonar para seus dois melhores amigos a fim de descobrir juntos algo excepcional a fazer naquele feriado. Ela comenta com eles quanto a ideia de praticar uma aventura como nos “velhos” tempos. É quando propõe a ideia de retornar a Ilha do Alemão, muito frequentada por eles e outros amigos nos verões passados, e que deixou boas lembranças. Devido aos estudos da faculdade, há muito os amigos não a frequentam.

Todos aceitam prontamente. Marcus, Pedro e Marta combinam de se encontrar no píer de pesca com o bote emprestado pelos pais de Marcus. Os jovens fazem questão de sair bem cedo para aproveitar ao máximo o dia, curtir o nascer do sol, o mar ainda sereno, as aves em revoada, entre tantas belezas daquele agradável lugar.

A viagem até a ilha dura cerca de 45 minutos. Passados 20 minutos, os amigos presenciam um lindo nascer de sol e logo chegam a ilha. Marta exclama:

_ Finalmente chegamos! Ela dá um suspiro de satisfação com o cheiro de maresia da ilha. Ela adora o mar.

_ Faz tanto tempo que não vínhamos aqui; tinha até esquecido da beleza que é esse lugar.

Chegando, todos desembarcam eufóricos, e logo vão dar uns mergulhos na água cristalina da Praia Grande. Depois de um tempo de conversa e lembranças, quando já era quase duas horas da tarde, os amigos procuram fazer alguma coisa. Marta abre sua cadeira de praia e tira seu espesso livro da bolsa. Ela procura um lugar à sombra fresca e começa a lê-lo embaixo de um cajueiro. Já o Pedro, como bom estudante de biologia que era, sai em busca de algumas flores e plantas exóticas. Marcus, com seu brinquedo de caçar relíquias, um detector de metais, sai procurando algumas coisas perdidas pela ilha, “quem sabe, uma moeda da época dos colonizadores”, como ele sempre dizia.

Não demora muito para Marcus desenterrar uma moeda de 400 Réis, o que o faz ficar muito animado. Ele era estudante de história na mesma universidade de Pedro e de Marta e estavam ainda perto um do outro, mas cada um na sua busca. Estava tudo normal até o detector de metal apitar freneticamente.

_ Ei, gente! Vem dar uma olhadinha! Acho que tem algo grande aqui dessa vez! Marcus realmente acredita que tenha achado algo impressionante pelo soar contínuo do detector.

- O que foi, Marcus? Perguntou Pedro, chegando ofegante logo atrás de Marta. Quando param, os três se olham, surpresos.

- Achou algum tesouro valioso dessa vez? Marta pergunta, irônica.

- O aparelho não pára de apitar. Deve ter algo aqui bem grande.

- Hum, tudo bem, vamos te ajudar a cavar, disse Pedro. Então os três começam a cavar com toda força. Cavam, cavam, cavam, muito fundo até encontrar um objeto de metal enferrujado que, a princípio, não entendem muito bem do que se tratava. Continuam a cavar para tentar tirar aquela enorme chapa metálica da areia. Quando, enfim, conseguem, Marcus limpa a chapa de metal suavemente e logo imagina se tratar de um avião, um avião...

- Um avião nazista? Exclamam os três juntos. O símbolo estava quase que intacto no estabilizador vertical, aquela parte que fica na parte de trás do avião que parece uma barbatana de tubarão.

- Como um avião da Segunda Guerra Mundial viria parar aqui? Murmura Pedro.
- Um avião desse tamanho não chegaria aqui, responde Marcus.
- Sem contar que os Nazistas não utilizaram porta-aviões...
- Espera aí, disse Marcus. É possível que o Graf Zeppelin, o único porta-aviões dos alemães, tenha saído alguma vez? Indaga.

Mal Marcus termina sua fala e Pedro lembra de umas histórias de seu avô sobre um tal avião alemão chamado Arado-Ar-199.

- Arado-Ar-199!, grita Marta. É um avião alemão de reconhecimento, da Segunda Guerra Mundial! Eu vi isso esses dias no History Channel.

- Eu me lembro de uma história que meu avô contava sobre a época da guerra, em que uma senhorinha, já bem debilitada, dizia ter visto um avião cair aqui nesta ilha. Ninguém deu bola. E a lenda que correu era a de que os alemães faziam experimentos por aqui. Nunca ninguém levou a sério. Agora vejo que meu avô tinha razão, Marcus continuou.

- Meu avô dizia que lá para 1945, um escaler apareceu boiando na praia, sem ninguém dentro; nem um corpo. Somente remos, uniformes e alguns utensílios. Ninguém nunca teve certeza a quem pertencia. É possível que o escaler fosse de um deles. Mas como um avião de guerra nazista teria parado aqui?

Logo os três continuam a escavação e chegam até a cabine.

- Isso é tão legal! Diz Marcus, animado.

- Eu ainda preferia que fosse um baú cheio de moedas de ouro mas... brinca Pedro.

Cavando mais um pouco eles encontram uma porta que dava na cabine do avião. Com cuidado, pois está tudo muito velho e enferrujado, Marcus entra para dar uma olhada e observa alguns pertences pessoais, provavelmente de quem o pilotara. Marcus pega mais alguns objetos e sai para mostrar aos dois amigos que estavam esperando ansiosos do lado de fora da aeronave. Ele tem uma bolsa pequena de pano, algo parecido com um diário, e objeto parecido com um porta-retratos; Marcus limpa o objeto e surge a imagem de um jovem com roupas de piloto. Ele acha a foto muito familiar. Acredita que já tinha visto uma parecida em algum lugar. Então veio uma lembrança do seu avô, de ter visto a foto na casa de seu avô, de quem contara a história para ele.

_ Se esse avião tiver realmente algo a ver com meu avô, por que ele nunca me contou sobre isso?

_ Mas porque esse avião seria do seu avô? O que ele teria a ver com isso?
Pergunta Marta.

_ Podemos ir perguntar a ele, responde Pedro.

Quando se deram conta já era cerca de quatro da tarde. Os amigos aceleram o pequeno bote ao máximo que podem, o que faz com que o retorno passe tão depressa que nem percebem. Assim que chegam, Marcus deixa seu bote encostado no cais e vão os três correndo para a casa do avô, que não era muito longe dali. Ele morava a umas três quadras da praia. Demoram uns cinco minutos para chegar lá e batem na porta, e seu querido avô os atende.

_ Olá, rapazes (e senhorita), que visita agradável! O que fazem aqui a esta hora?
Pergunta o vovô Hans.

_ Oi, vô! Na verdade queremos falar com o senhor sobre algo que achamos na ilha.

_ na ilha? Ora, vocês foram novamente para aquele lugar perigoso? Indagou sr. Hans. Entre, meninos. Quero saber o que você traz de novidades de lá. Eles entram e se sentam no seu grande sofá macio. Então, Marcus começa a contar a história e tudo o que tinha acontecido naquele dia na ilha. Seu avô, observando com atenção e com um sorriso disfarçado no rosto, começa a contar sua história, incluindo os porquês de ele nunca ter contado a ninguém.

- O que aconteceu, começa a falar o vovô Hans, foi que, durante a Segunda Guerra Mundial, eu servi como soldado do exército alemão. Eu tinha apenas 18 anos, e fui encarregado de ser uma espécie de espião do governo dentro das igrejas de meu país. Eu achava aquilo estranho, mas como a Alemanha estava se erguendo das dificuldades, achei mesmo que o novo governo traria algo bom para todos. Não demorou muito para que eu percebesse que algo de cruel acontecia e procurei aproveitar meu cargo para ajudar as pessoas injustiçadas. Para isso eu tive que ficar como quem era adepto do regime.

Hans continua a contar que ajudou muitas pessoas em secreto, até que um dia descobrem sua "traição". Assustado, ele bola um plano para fugir, subornando alguns e "comprando" um avião Arado-Ar de um soldado amigo, também desiludido com o regime.

- Eu sou formado em engenharia e adaptei o avião com dois tanques a mais de combustível. A ideia inicial era de ir para a Inglaterra e de lá ir para os Estados Unidos. Mas, apesar dos dois tanques a mais, meu avião, que era anfíbio, pousou nas águas próximas ao norte do Brasil. Por ter aquela bandeira inimiga, a horrível suástica, fui interceptado por um navio mercante brasileiro, que me resgatou.

- Mas vovô, indaga Marcus, como o avião veio parar aqui na ilha?

- Pois é. Essa é a melhor parte da história.

Aquele avião chamou muita atenção e o governo brasileiro me manteve detido para interrogatório por muito tempo. Os agentes do governo até já acreditavam em mim, de que eu seria uma espécie de desertor daquele regime maligno. Mas eu não podia ficar ali para sempre e eu sabia onde meu Arado-Ar estava e bolei um plano audacioso para emigrar para Argentina. Mas quis Deus que eu ficasse no Brasil.

- Puxa, sr. Hans, que história fantástica! Mas como o senhor veio parar aqui?

- Pois é. Mas não foi nada fácil. Passei por muitos obstáculos e até quase morri. Antes, porém, eu tive que subornar umas pessoas, infelizmente, mas que acabaram me ajudando pegar o meu avião e partir do Rio de Janeiro rumo a Argentina. Mas, felizmente, meu avião, cansado de tanto voo, deu pane e vim cair aqui em Campos Verdes, na Ilha – o velho dá uma risada – na Ilha do Alemão! Sabem qual era o nome dela antes de minha saga?

- Então, sr. Hans, pergunta Pedro, a ilha tem esse nome por sua causa. Antes de acharmos o avião, as histórias era de que uns alemães estariam fazendo experiências nela lá pelos anos de 1945...

- Sim, sim. Foi por isso que eu ri, disse Hans. O nome dela era Ilha Solitária.

Quando o avião caiu sr. Hans encontrou uma dupla de pescadores que passam a ser seus amigos. Essa dupla de amigos era também descendentes de alemães, que haviam vindo para o Brasil ainda na época de Dom Pedro II. Eles o ajudariam a sair da ilha e, a partir dali, se tornam a família dele, três grandes amigos que selaram um pacto, enterrando o avião e nunca mais falando sobre o assunto porque, além do governo brasileiro, o velho Hans queria esquecer tudo que ficou para trás e recomeçar uma nova vida.

_ Eu já tinha passado por muitas coisas e perdera muitas pessoas na qual amava. Mas ali era um lugar calmo e sem guerra, perfeito para recomeçar. É obvio que eu senti falta das pessoas que deixei para trás, mas eu não podia fazer mais nada por elas, lamenta Seu Hans.

Passaram-se algumas horas de conversa e a campanha toca. A essa altura a imprensa da capital já estava sabendo do achado e uma turma de jornalistas e curiosos se aglomera na grama da casa de se Hans.

- É vovô, se o senhor veio para Campos Verdes atrás de paz, acho que ela acaba de ir embora, diz Marcus às gargalhadas, com todos na sala.

Meu nome é Yasmin Campos de Castro, tenho 15 anos, nasci em Macaé, RJ. Moro com meus pais e tenho um irmão de 10 anos chamado Theo. Eu gosto de muito de estudar, principalmente matemática.



Meus passatempos favoritos são vôlei, desenho, música e leitura. Tenho muita vontade de fazer arquitetura ou direito. Fazer esse conto foi um grande desafio para mim, pois não tenho muita prática com escrita. Depois de vários dias finalmente terminei e fiquei bem feliz com o resultado.

Um romance no metrô

Era apenas um dia normal em minha vida pacata. Acordar cedo, ir para o trabalho, nada incomum. Quem diria que em alguns dias eu estaria atrás das grades. Meu nome é Sebastian Miller e estou aqui para dizer a você que se você acha sua vida chata, sem graça ou ruim, eu também pensava assim...

Em um dia como outro qualquer peguei o metrô de minha cidade, para chegar ao trabalho. Era um lugar frio, sujo, nada confortável e muito menos sofisticado, mas eu já tinha me

acostumado. Sempre pegava o metrô no mesmo horário, diariamente, sempre via os mesmos rostos, mas nesse dia avistei uma moça que eu nunca vira antes. Tinha o cabelo claro como mel, e olhos profundos como o mar. Seu rosto era delicado e, ao mesmo tempo, misterioso. Pensei ser só uma pessoa atípica naquele vagão, então continuei meu dia, e fui trabalhar.

No dia seguinte no metrô, ela estava lá, no mesmo horário, me sentei ao lado dela e começamos a conversar sobre a vida.

Conversamos diariamente quando nos encontrávamos no metrô. Ficamos muito próximos e parecia que nos conhecíamos há anos. Eu não via a hora de nos encontrarmos fora do metrô, mas sempre que eu tocava no assunto, ela dizia que não tinha tempo e não podia.

Em uma sexta-feira, meu chefe me deu folga e não peguei o metrô, mas queria muito vê-la, então procurei seu nome na lista telefônica. Achei várias pessoas com o nome Olívia, mas só uma com sobrenome Strange. Fui até o endereço para procurá-la, era uma casa pequena e bem neutra. Achei bem estranho, pois imaginava uma casa colorida e feliz.

Eu não entendia o que estava acontecendo, eu tenho certeza que conheci a Olívia Strange, mas ela estava bem viva! Sai da casa da senhora e fui caminhar pela rua. Pensei em várias possibilidades, ela podia ser um fantasma, mas isso era impossível. Eu posso ter errado e procurado por outra pessoa com mesmo nome, mas tenho certeza de que ela disse morar na cidade. Tentei achar uma resposta, mas não conseguia pensar em nada. Decidi por fim que iria na polícia.

Cheguei na delegacia sem muita esperança de achar uma resposta. Se eu que a conhecia não sabia o que estava acontecendo imagine eles. Perguntei ao primeiro policial que

encontrei se já acontecera casos de pessoas tecnicamente mortas não estarem mortas de verdade e ele riu histericamente da minha cara. Um policial que estava atrás de mim e ouviu toda a conversa, me pegou pelo braço e me levou a uma sala de interrogatório. Ele era alto, com um sorriso meio malicioso, como se estivesse aprontando algo. Ele me pediu para contar toda a história de novo e com todos os detalhes.

Expliquei tudo para ele, então foi me revelado que esse homem era do FBI e estavam atrás dessa mulher há anos. Fiquei muito confuso, ele disse que ela estava sendo acusada de assassinato de um agente do FBI, e sempre fugia usurpando a identidade de mulheres que já morreram. Estava prestes a sair quando o policial me alertou para ficar longe dela, pois ela era extremamente perigosa e muito persuasiva, mas eu não podia acreditar.

Cheguei em casa e não podia acreditar, não queria acreditar. O que realmente queria era perguntar para ela se isso era verdade, mas não queria que fosse. Decidi que voltaria no metrô e daria um jeito para descobrir toda a verdade, mesmo sem saber como.

No outro dia eu mal consegui acordar, fiquei a noite inteira pensando no que fazer.

Saí de casa muito inseguro de minha decisão, mas era o melhor a ser feito. Cheguei ao metrô e lá estava ela, tão inocente nem sabia o que se passava em minha mente. Sentei-me ao lado dela e ela ficou surpresa, pois, não me via há 3 dias.

Conversamos sobre o fim de semana, mas eu não tirava da cabeça que estava conversando com uma assassina.

Passaram dias e eu não conseguia perguntar o que acontecera. Até que não aguentei mais, a confrontei, expliquei sobre a casa da senhora, sobre a delegacia e a investigação. Depois de um tempo bem desconfortável de silêncio, ela começou a chorar e eu não

entendia o que estava acontecendo. Eu a abracei e disse estar tudo bem. Logo quando parou de chorar ela me contou toda a história.

"Eu me formei em direito e fui chamada para entrar no FBI, por minha aptidão lógica. Passei dois anos trabalhando no departamento de Dallas como detetive, mas nunca fui muito aceita por meus companheiros. Eles eram arrogantes e invejosos por conta do meu rápido crescimento no departamento. Nunca me chamaram para nada fora do trabalho, mas um dia específico me chamaram para a festa de despedida de John Rodrigues. Fiquei extremamente feliz por ser a primeira vez que me chamaram, eu nem desconfiei de nada. Chegando lá, era uma festa com apenas 5 pessoas, o John Rodrigues e outros colegas de trabalho. Em menos de uma hora precisei ir ao banheiro e quando voltei, achei John morto no chão da sala e todos parados em volta dele e olhando para mim. Queria chamar uma ambulância, mas eles pegaram meu celular e não tinha como sair daquela casa. Eles ligaram para a ambulância e me prenderam. Mostraram ter todas as provas que apontavam para mim, e eu seria condenada à pena de morte por homicídio doloso. Eu entrei em completo desespero, não podia acreditar que isso acontecera, não entendia como fizeram isso. Então quando a ambulância chegou sai pela porta correndo e fugi. Estou foragida há três anos, já peguei 5 identidades diferentes. Eu sei o quanto isso é errado, mas eu precisava desse tempo para entender o que fizeram comigo, como conseguiram me incriminar."

Quando ela me contou, eu não acreditei e simplesmente fui embora. Eu não queria me envolver com isso, eu podia ser preso só por falar com ela, mas eu me importava muito com ela, pois se tornou uma pessoa muito importante na minha vida.

No outro dia fui ao metrô e ela não estava, fiquei muito

preocupado de ela ter sido pega e tudo porque eu a havia confrontado, ou ela havia fugido de novo, mas eu queria acreditar na sua história. Cheguei em casa depois do trabalho e desisti, não queria mais me preocupar com ela.

Segui minha vida normalmente por uma semana. Não a via mais e nem queria ver, mas, lá no fundo, estava preocupado. Queria que ela voltasse para falar comigo de novo.

Já sem esperanças fui ao trabalho, e quando cheguei no metrô, lá estava ela com as mãos tremendo de ansiedade, cheguei perto e a abracei. Então ofereci minha ajuda. Ela não queria ajuda para descobrir o que acontecera, mas queria ajuda para fugir mais uma vez. Não estava muito seguro com isso, pois sabia ser errado, porém eu precisava ajudá-la.

Ela só pediu uma nova identidade, apenas isso já era muito difícil. Comecei a procurar nos obituários de jornais de outros estados. Achei algumas mulheres, falecidas há pouco tempo e lhe entreguei a lista.

Por mais que eu a quisesse bem e a salvo, não podia deixar de pensar no quanto isso era errado.

Quando nos encontramos novamente pedi para irmos à polícia para contar toda a versão dela da história. Era o certo a se fazer. Ela não acreditava que se entregar era o melhor, então eu a apoiei a fugir.

Depois de alguns dias ela conseguiu a identidade falsa, nem sei como, e veio me mostrar. Decidido que iria com ela já que não tinha nada que me impedisse, nenhum motivo para ficar. Iríamos partir em dois dias para o Tennessee, para uma vida mais tranquila.

Um dia antes de irmos, alguém bateu à minha porta, pensei que

fosse ela, então abri com muita felicidade, mas dei de cara com o agente Brian do FBI. Ele chegou já entrando em minha casa e me perguntando sobre a mulher que ele estava procurando. Disse que ela havia sumido há alguns dias, e desconfiava que eu a estava acobertando.

Neguei todas as acusações dele, já que não tinha escolha. Ele foi embora não muito satisfeito.

Chegara o dia da nossa partida. Arrumei uma pequena mala só com o necessário e importante. Nos encontramos no metrô no mesmo horário para não deixar nenhuma suspeita. Alugamos um carro e colocamos o pé na estrada. Eu estava tão confiante e tranquilo que nem imaginava o que viria pela frente. Quando chegamos na fronteira do estado tinha uma barreira policial à nossa espera. Entramos em pânico e não sabíamos o que fazer. Estávamos em cima de uma ponte com barreiras de carros dos dois lados. Então eu tive a brilhante ideia. Eu a amava e não queria o mal para ela, mesmo que isso me custasse algo.

A abracei e deu um beijo em sua bochecha," lembre-se de mim quando estiver em nossa pequena fazenda", disse-lhe. Pedi para que ela corresse o mais rápido possível e pulasse da ponte ao sinal. Ela acenou com a cabeça com os olhos cheios de lágrimas.

Saí do carro com as mãos para cima. "Saibam que estão atrás de uma mulher inocente, ela nunca fez mal a ninguém, mas querem prendê-la mesmo assim... pena que não vai ser desta vez. Agora!" Eu disse em alto e bom-tom. Tenho certeza de que todos ouviram.

Só me lembro de vê-la pulando, e depois eu fui baleado. Acordei na cama de uma pequena enfermaria, quando descobri que fui preso por acobertar uma fugitiva procurada.

Eu nem me preocupei por estar preso, mas precisava saber se ela

estava bem. Passaram- se meses e acabei esquecendo dela.

Num dia comum uma entrega chegou para mim. Era um livro sobre uma menina em sua fazenda. Abri o livro sem entender, mas logo um cartão postal caiu no chão. Quando o peguei fiquei muito feliz. Dizia: "estou lendo esse livro em nossa fazendinha, quando você sair de onde está ficaremos juntos de novo. Com amor Olive".

